

Memórias de Professores

Lições Inesquecíveis

Que educação quero para o futuro?



Sandra Papesky

A campanha "Que Educação quero para o futuro" é organizada pela Bookess Editora e Livraria Internacional SBS, através de seu programa SBS +Educação.

BOOKESS
SBS
+EDUCAÇÃO

Memórias de Professores:

Lições Inesquecíveis

Sandra Papesky Sabbag

Setembro/2018

**Memórias de Professores:
Lições Inesquecíveis**

Sandra Papesky Sabbag

Setembro/2018

Dedicatória

A todos, Professores e Professoras,

A serviço da Educação de Bem

Para o Bem do Futuro

a iniciar-se Bem Agora...

Sandra

Sumário

Memórias de Professores : Lições Inesquecíveis	p.4
Pneu ou <i>peneu</i>?	p.6
Folhas de Linguagem: ensaios de liberdade	p.9
A matemática da professora	p.12
Caderno de Caligrafia	p.16
Da Professora Doutora apreciadora de cartas e compassiva dos desassossegados	p.20
A professora que corresponde-se com Paulo Freire (<i>in memorian</i>)	p.25
Professores entusiasmados, professores românticos	p. 28
Um encanto chamado “Maria Dória”	p.30
Observo Professores e observo-me	p.33
Boneca russa	p.36

Memórias de Professores : Lições Inesquecíveis

Esta é uma coletânea de contos escritos sobre algumas presenças marcantes de Professores que fazem parte da minha história, da minha formação humana e docente e da minha inspiração didática até hoje.

Professores são pessoas que se profissionalizam indeterminadamente para formar outros profissionais. Estão nas raízes de uma cultura, são alicerces de uma sociedade e por isso devem estar ocupando um “lugar” privilegiado no âmbito das Políticas Públicas, assim como no terreno fértil de nossas memórias, influenciando as histórias individuais, bem como a história coletiva de toda uma Nação.

Em tempos de crise de valores e liquidez das relações interpessoais, é preciso resgatar a valorização do Professor: da sua Identidade, da sua Formação Inicial e Continuada, dos atributos da sua Consciência no sentido de que sejam quais forem os objetos de ensino da sua direta responsabilidade, constituem-se estes como ferramentas fundamentais para a formação e exercício da Consciência na sua plenitude – suas capacidades de sentir, pensar e agir no mundo com os outros e consigo mesmo.

Ser Professor consiste, portanto, numa atividade constante para com a própria Consciência compromissada com valores como Amor ao Próximo, Respeito, Dignidade, Colaboração, Compaixão, Gratidão para que possa, ainda admitindo suas fragilidades humanas, colaborar significativamente para o aprimoramento do nível de outras tantas Consciências, corresponsabilizando-se pela viabilização de capacidades humanas que façam da Educação uma prioridade para a melhoria das sociedades, para uma globalização ética e uma sustentabilidade em que seres humanos não se relacionem como objetos descartáveis que são “deletados”, tornam-se “obsoletos” e podem ser facilmente “bloqueados” num “clique”.

Esta coletânea se põe à serviço de resgatar e valorizar o Professor, a Professora. Que minhas memórias inspirem, conversem com outras e

colaborem para uma Educação Melhor e um Futuro mais Digno para todos Nós. Que minhas palavras, plenas de afetos, toquem outras consciências, mobilizem outros afetos e, assim, nos ajudem a reforçar a percepção coletiva de que nossa passagem pela Terra, ainda que de todo modo breve, é tão singular quanto plural, tão única quanto parte de um todo que faz e renova seus sentidos à medida das singelas marcas que vamos deixando na vida uns dos outros. Marcas que ecoam nas memórias e desafiam o tempo, e na maioria das vezes até se preservam a despeito das limitações causadas por doenças mentais senis que acometem a memória...ainda assim estaremos lá, Professores, mesmo que em sopros sutis de uma vaga, porém eterna lembrança.

Boa leitura a todos! Com Amor Fraternal e Gratidão,

¹Profa Sandra Papesky Sabbag

¹ Doutora e Mestre em Psicologia da Educação (PUC-SP), Especialista em Bases da Medicina Integrativa (Hospital Albert Einstein), Pedagoga (USP). Docente, Pesquisadora, Palestrante e Autora de *O potencial do registro escrito significativo na constituição da identidade docente* (Academia Editorial), *Laura, de volta para casa* (Editora Nelpa), *Em busca da excelência da humanidade possível: uma ponte chamada emoção* (Nehmi 6 Editora) e *Didática para Metodologia do Trabalho Científico: do compartilhamento da experiência docente à criação de novas práticas de ensino* (Editora Loyola), dentre outras publicações na área da Educação. Autora na Bookess desde agosto de 2018. Acesso ao currículo na plataforma Lattes: www.lattes.cnpq.br/9132027088336273 E-mail: spapesky@hotmail.com

Pneu ou *peneu*?

Tinha apenas 6 anos e já lia desde os 5, apaixonada pelos gibis da Turma da Mônica e da Luluzinha. Algumas combinações causavam-me dúvida como, por exemplo, a marca registrada no cofrinho em formato de casinha era “SEU LAR” e eu não sabia ler a expressão inteira, lia assim: “SEU LA” e o “R” ficava por conta da minha mãe.

Esse cofrinho ficava na penteadeira de nossa casa, e todo dia minha mãe deitava um pouco comigo e com meu irmão após o almoço, para conversarmos da escola, para brincarmos de contar histórias que cada um inventava um pedaço e o preferido da minha mãe era este: “Agora, vou contar uma história em que duas crianças queriam muito dormir...” Logo, percebíamos que era hora de silenciar e com a mãe não tinha outra história nessa hora. Ela fingia que dormia, silenciava a voz, observávamos sua respiração e dali a pouco meu irmão é que dormia.

Já conhecia aquela coisa de contar carneirinhos, mas achava tão sem sentido aquele monte de ovelhinhas pulando uma cerquinha que quando via já as imaginava num campo vasto, uma brisa descolando o algodão da plantação e ele se combinava ao pêlo macio das ovelhas. Imaginava-as brincando de ciranda, mães e filhotes, um sol se pondo ao longe. Bem, eu continuava quieta, porém fazendo história enquanto mãe e irmão dormiam profundo.

Adorava os livros e o meu preferido para brincar de escolinha era a cartilha Caminho Suave pela qual fui alfabetizada no pré e na 1ª. série. Eu sabia tudo de cor que tinha na cartilha e isso me dava a segurança da professora para ensinar o conteúdo. Meus alunos eram quase todos imaginários, uma ou outra boneca e, quando por milagre, meu irmão, que logo enjoava da brincadeira e ia embora da minha escola.

Tive 3 professoras na 1ª. série: Eliza, Sueli, a Eliza de novo e a Silande. A Sueli ficou pouco tempo, mas era brava demais. Só deixava ir ao banheiro no recreio e tinha uma cara de poucos amigos. A Eliza lia nossos cadernos,

carimbava as folhas com estrelinhas, tinha uma voz suave e me deixou ficar com ela fazendo alguma lição até quando a escola entrou em greve. Não entendia a paralisação (aliás, não entendo, ou melhor, não concordo com esta forma de reivindicação política até hoje), chorava para ir à escola – Eliza havia acabado de voltar de uma licença – e finalmente, minha mãe foi comigo até ela, explicou-lhe meu desejo pela escola e a professora acolheu-me. Tive uma professora só para mim por uns dias e muitas estrelas em meu caderno.

Passado o período de greve, Eliza precisou de licença novamente e desta vez ia ser por um bom tempo. Fiquei aflita, pois receava o retorno da Sueli ou outra pior. Pronto! Era eu sentir medo e não conseguia fazer xixi. Tive episódios sucessivos de cistite nessa época da infância.

No dia de conhecermos a professora nova, sentia um frio na barriga e um desejo de que a greve voltasse, pois agora eu de fato optaria por ficar em casa, certa de que Eliza não estaria lá. E chega uma professora assim: alta, nem magra, nem gorda, com um rabo de cavalo parecido com a da personagem Jennie, do filme “Jennie é um gênio”. Toda sorridente, disse seu nome: Silande. Meu Deus, só seu nome podia ser coisa de filme. Mesmo com a minha pouca idade eu achava que só haveria uma pessoa com esse nome no mundo, tão diferente, combinando com seu jeito exótico de ser. Gostava das suas roupas, o cabelo sempre preso, o rabo de cavalo invejável, seu sorriso, seu jeito de olhar, sua forma de brincar com coisas de aprender.

Certo dia, Silande propôs um ditado. Palavra daqui, palavra dali e, de repente, ela ditou: *pneu*. Terminado o ditado, ela pedia para a gente ditar para ela as palavras e ela as escrevia na lousa para que comparássemos a escrita certa da lousa com a nossa escrita no caderno. E ela escreveu *pneu*.

Fiquei perplexa! Ainda não havia errado uma palavra e estava convicta de que tinha “p” sem “e”. Tímida, não falei nada na hora, mas antes de ir embora, cheguei até ela e disse-lhe: Professora, *pneu* não tem este “e” aqui, né? Eu já vi escrito na rua, em lugares diferentes, e sempre sem o “e”.

Ela confirmou que eu estava certa, mas meus colegas talvez não tivessem ainda reparado nesta palavra na rua, e o som de quando a pronunciamos parece conter o “e”. Daí ela continuou: “Logo, logo, mais gente vai perceber igual a você que tem palavras que se fala de um jeito, mas se escreve de outro; senão, eu mostro o jeito certo de escrever outro dia. Parabéns, você já sabe ler!” Aquilo para mim foi o maior elogio de todos os tempos! Um elogio da Silande, a professora que tão rápido nos cativou com um jeito meio moleca de ser, parecia prêmio.

Há poucos dias atrás, ao entrar com uma amiga por curiosidade numa loja de apliques para cabelo, quis provar um rabo de cavalo e, logo que me vi no espelho, vi em mim a Silande, seu cabelo castanho claro preso num lindo e volumoso rabo de cavalo e a palavra *pneu* surgiu com tanto sentido naquele contexto onde só havia cabelo. Pneu, Amor e o perfume da Silande na memória.

Folhas de Linguagem: ensaios de liberdade

Eu era bem criança ainda quando aprendi a apreciar um forte item da lista de materiais escolares: as folhas de linguagem. Quadradinhas, com dois furos adaptáveis à pasta que geralmente trazia na contracapa a letra do Hino Nacional.

Simplesmente as achava meigas aos meus primeiros esboços de escrita literária. Eram nessas folhas que fazíamos as “Composições”. Dia de fazer composição para mim era um dia sempre especial: com ou sem tema proposto pela professora, eu dava asas à minha imaginação naturalmente alada.

Fui crescendo e as folhas de linguagem foram ficando para trás. As folhas de papel almaço tornaram-se o suporte favorito dos professores do ginásio (atual ensino fundamental II) quando a tarefa era fazer “redação”.

Composições, redações, não importava o nome da tarefa ou o suporte, para mim eram oportunidades valiosas de meu pensamento tomar forma e ganhar palavra.

Pouco a pouco, fui aprendendo que algumas composições eram descrições; outras, narrações; outras, dissertações e outras ainda combinavam um pouco de cada tipo e até diálogo.

No Magistério, arrisquei-me a produzir algumas peças teatrais, dentre as quais “Uma floresta ao contrário” ou “Uma floresta às avessas”, não me lembro muito bem do título. Só sei que dentre as personagens, havia um leão vegetariano, um urso insone (não hibernava de modo algum!) e todo bicho tinha um comportamento diferente do seu habitual. Era uma fábula das diferenças, um jeito sério e divertido de abordar o tema da inclusão sem que isso fizesse parte do mote educacional da época.

Sempre gostei muitíssimo de escrever, de vestir com palavras as ideias nuas que fervilhavam em minha mente. Interessante que foram raras as vezes

nas quais tirei “A” em composição ou redação. Será que minhas ideias não eram tão apreciadas pelos professores, pois se dependesse da escrita em seu aspecto formal, foram poucas as vezes que apresentei alguma falha ortográfica ou de concordância. Bem, tirando “A” ou não, eu escrevia cada vez mais.

Certa ocasião, na 7^a. série (quarto ano do Fundamental II), incomodada com a série de “C+” atribuídas pelo Professor Luiz nas redações que fazia, tomei coragem e resolvi perguntar-lhe sobre o que faltava para eu obter uma nota melhor. Professor Luiz falava pouco, tinha um ar que parecia não apreciar muito estar ali conosco, sorria raramente e vez ou outra alterava o tom de voz como querendo grifar um conceito falado. Ensinava muito bem e tinha uma caligrafia primorosa capaz de tornar as orações subordinadas com espírito mais leve e independente. Ele era um tanto esquisito, como se escondesse dentro daquele corpo alto e magro uma porção de segredos de alma.

Bem, voltando ao dia em que lhe fiz a corajosa pergunta, ele mirou-me com um sorriso tímido, pegou de minhas mãos a última redação selada com “C+”, riscou-o e colocou assim: “B-”. Fiquei perplexa, achando que os dois conceitos davam na mesma, mas ainda assim disse para mim mesma que preferiria o “C+”. Por que tive de perguntar? Poderia ter ficado sem essa! Fiquei sem palavras para ele, mas comigo dizia todas! Confrontei-me, arrependi-me, esbravejei por dentro. Que importava o conceito, se afinal de contas, eu escrevia sempre o que queria, como queria. Até com tema proposto, eu dava um jeito de costurá-lo aos meus temas preferidos, tecia minhas tramas, compunha minhas malhas. Eu é que tricotava as letras, que importava se a etiqueta marcasse “C+”, “B-” ou “A”?

Puxa, já vivia solta, era livre para escrever o que quisesse. Mas por ironia do destino foi o “B-” que me fez pensar tudo isso!!! Descobri que ter a coragem de perguntar é melhor do que a covardia de calar-se diante de algo que parece incomodar seja nas composições escolares, seja nas composições da vida. Sinto-me grata ao Professor Luiz que deu-me a oportunidade dessa descoberta. De lá para cá, continuei escrevendo ainda mais, sem preocupar-me com notas ou conceitos. E a cada “C+” que se sucedeu depois, eu ganhava

uma “carta de alforria” que libertava-me para o mundo. Minha liberdade sempre foi o tônus dos meus escritos. Já nasci livre, e as folhas de linguagem foram as primeiras testemunhas disso. Embora tão quadradinhas na aparência, serviram-me de degraus para o universo literário onde brinco com o infinito.

A matemática da professora

Já era tarde da noite, quase dia seguinte. Lá vinha ela, a professora voltando da escola, uma lágrima ou outra rolando-lhe a face. Garoava, o vento frio saudava-lhe os passos e embaraçava-lhe os cabelos. Ela gosta de andar, aliás precisa andar muito para pensar, ajustar ideias. É capaz de andar horas sem perceber. Mesmo sem relógio, não perde a hora e tem tempo para tudo, para todos, para si.

É uma professora meio assim, sem medidas: flutua entre o convencional e o que transgride; sensibiliza-se com o tamanho das celas que as pessoas criam para si mesmas em nome de status, pinta de boa pessoa, jeito correto de ser. Ela é livre porque seus limites sorriem ao infinito de possibilidades.

Há uma situação-problema que tem feito parte de suas andanças: a indiferença, o descaso, o descuido, o abandono. Agride-lhe a alma coisas desse tipo. Ela, para quem sempre teve facilidade de descobrir o valor de “ x ”, nos últimos tempos vem percebendo que as pessoas ao invés de descobrirem esse valor, vão tornando o “ x ” cada vez mais oculto e fecham-se em si mesmas. Distraem-se até com dívidas, contas a pagar, usam a matemática para complicar a vida e não para tentar resolvê-la. Indigna-se com tudo isso e fica introspectiva, lembrando dos amores platônicos pelos professores de matemática que passaram pela sua vida. Lembra com saudade das Olimpíadas de Matemática interescolar que a tornou conhecida pela facilidade e rapidez com que resolvia os problemas. Tinha jogos de simplificação de frações, potenciação, equações de 1º e 2º. graus, uma porção de coisas desse tipo que hoje servem-lhe para redimensionar a vida, para esquematizar os conteúdos, para enfrentar as situações-problema que a vida propõe.

A vida, como escola, fez esta professora descobrir que a mais quadrada das raízes pode ser representada pelos preconceitos e pelos medos que fazem da convivência humana um conjunto de inúmeras correspondências termo-a-termo que limitam o espaço das mudanças: o que não se inclui no conjunto de correspondências biunívocas, fica de fora, não se encaixa, mesmo sendo uma

pérola que não pode participar do conjunto de bolinhas de menor valor, mas todas iguaizinhas, correspondentes, bolinhas com pares. Esta professora ocupa-se justamente da pérola que ficou de fora, do fractal que ficou destoado das figuras geometricamente articuladas, do diferente que não se enquadra, da diversidade que cabe no infinito, mas que cartesianamente não cabe num sistema.

A matemática da professora que já foi boa nas Olimpíadas de Matemática no passado mudou com o tempo...e a paixão por seus professores de matemática certamente influenciou na maneira dela ver as coisas e contribuiu com essas mudanças. De natureza melancólica, nostálgica, sentindo-se constantemente fora de qualquer conjunto, era nos estudos que destacava-se, que achava-se com sua percepção de mundo de vanguarda. Esta professora vê coisas ao longe. Há quem a veja como louca, ou bruxa, ou sensitiva, ou simplesmente sensata. Grande Amigo seu, professor de Física, define-a assim: “enquanto nós complicamos tudo, Você é simples demais e a gente não entende. Você é o que é.”

Talvez não seja tudo que pensa que é, mas certamente é tudo que sente e se há algum fator que se multiplique nesse jeito de ser é a paixão que tem pelo mundo, o amor que tem pelas pessoas, o seu comprometimento com a Educação. Com a Educação dos Sentimentos, inclusive, coisa que nossa escola há séculos vem deixando a desejar. Trata-se da superficialidade dos fatos e lá ficam as emoções cada vez mais ocultas numa espécie de caixa preta em algum canto da pessoa. Se é que se pode falar em canto, pois canto pressupõe ângulos, e as pessoas de fato são fractais, dadas a imprevisibilidade que pode vir à tona quando a vida põe à prova. Emoções cutucam-nos em forma de êxtase ou desconforto, em algum momento. Quando isso acontece, as fórmulas pouco ou em nada ajudam.

Só de pensar que pode-se morrer biologicamente de falta de afeto, de calor humano e verdadeiro tanto quanto pode-se morrer de doença ou acidente, a professora sente uma dor no coração. Dizem que coração não dói assim, mas o dela dói, ela sabe porque sente. A humanidade busca no

acúmulo de conhecimento uma sabedoria que poderá encontrar pelas vias da sensibilidade e da afetividade. Muitos acostumam-se à mediocridade por medo de ficarem sós, por medo de magoar o outro quando a mágoa maior já existe porque a autenticidade acabou, quando o assunto principal passam a ser as ocorrências do dia-a-dia, e nesta condição as pessoas afirmam “ir levando”, “empurrando com a barriga” ao invés de serem mais felizes, ao invés de existirem aqui e agora melhor.

Esta professora “não leva nada com a barriga”, nem tampouco “vai levando” a vida. Esta professora aprendeu que a exatidão da matemática cabe bem quando se é honesto consigo mesmo, quando se admite para si o que deseja modificar e vai à luta. Neste sentido, é cartesiana de carteirinha. Procura bem multiplicar o que aprendeu e dividir os bens que a vida lhe dá – compartilha sentimentos, conceitos, atitude de estar junto. Esta é a matemática da professora.

Dos erros e acertos que experimenta, vai construindo suas frações de história. Cada pedaço tem a ver com um outro e assim vai, costurando a vida, solucionando o que pode, esforçando-se para superar as dificuldades do percurso, multiplicando e compartilhando, adicionando e subtraindo porções de história.

A matemática da professora permite-lhe divagações e resultados viáveis, sem preocupar-se com respostas-padrão. Ela prefere dos números, a infinitude, de pesos e medidas, o imensurável e a leveza, da lógica, a intuição, e dos conjuntos, o lado de fora deles porque é deste lado que a matemática, assim como tantas outras áreas de conhecimento, a impulsiona a ir além, e sentir-se segura na sua simplicidade sem ter de dar explicação a ninguém.

A matemática da professora a faz escrever novos enunciados para a vida: “Seja feliz”, “Tenha preferências e não apegos”, “só há sofrimento intolerável quando não tem quem cuide”, “Leia seus livros guardados antes de aposentar-se”, “aprenda sempre”.

A matemática da professora é uma forma de dizer ao mundo que há paradigmas a romper, soluções a encontrar e possibilidades de viver com mais amor e dignidade. Nessa matemática, as lições de probabilidade, se bem construídas, podem encaminhar as pessoas a mais perto de si mesmas...e frente a frente consigo, reconectam-se as frações no todo que é a Pessoa inteira.

A matemática da professora é mais atitude e palavra do que palavra e resolução de fórmulas. Tem um ar de esperança integrado à sua melancolia diante do mundo que ora a assusta, ora a conforta. Sabe das mudanças no mundo e dispõe-se ao enfrentamento. E espera que um pouco desta matemática atinja outras tantas pessoas e formemos um grande conjunto de cuidarmos uns dos outros evitando, com isso, relacionamentos esvaziados de sentido e gravemente sujeitos a minguarem. Para isso, um olhar compassivo e amoroso é necessário; aliás, talvez aí resida uma fórmula da matemática a que adere: amor e compaixão.

Caderno de Caligrafia

Estava na 5ª. série do ginásio (hoje, 6º. ano do ensino fundamental). Aula de português, a primeira da semana e a que se repetiria por todos os dias pelo que me lembro. Talvez só não as tivesse uma vez na semana. Entra uma professora alta, magra, cabelos cacheados e bastante volumosos, um óculos com armação de aro fino. Voz baixa, disse suas primeiras palavras com a maior tranquilidade do mundo: “Vera, sou a professora Vera. Peçam aos pais que comprem um caderno universitário só para nossa matéria, e não quero de brochura, não! Tem que ser de espiral e vou explicar porquê. Vocês vão fazer exercícios de copiar textos do livro, à caneta e não poderão rasurar. Se rasurarem, ao vistá-lo, arranco a página e terão de refazer a tarefa. Devem tomar cuidado para não acumular as cópias, então não rasurem.”

Com aquela tranquilidade toda, acho que todo mundo entendeu, mas não sei se todos levaram-na a sério antes da primeira vista de cópias. Naquela época não tinha “branquinho”, corretivo; tinha lápis borracha e em breve aprenderíamos uma técnica em Artes que usava cotonete umedecido com cãndida e podia ser a solução para acabar com os vestígios de rasura.

O problema nosso – e que era ao mesmo tempo uma qualidade da professora Vera – é que ela tinha uma percepção tátil nas mãos de dar inveja! Não lia nossa cópia. Chamava um a um para vistar o caderno em sua mesa, e ia passando a mão página por página, olhando para nós, conversando sobre outros assuntos até que...de repente, vez ou outra ouvia-se a página arrancada. Nestes casos, só lembrava o autor do próprio infortúnio: “da próxima vez não rasure.”

Nossa, aquilo me chocou tanto! Eu mesma fui vítima de uma página arrancada. Ousei fazer uma rasura, lixar a danada, testar a técnica do cotonete com cãndida, mas a danada da rasura marcou sua textura diferente e a danada da professora pegou-a! Só havia feito isso porque estava na última linha de um texto enorme e cansada. Ela me olhou compassiva, disse “que pena”, e a página foi arrancada. Fiquei mais com vergonha do que chateada, pois eu

sabia do combinado e não duvidava nem de longe da habilidade tátil da professora e arrisquei. Essa foi uma das vezes que arrisquei e errei. Mas aprendi: quando cansasse, deveria parar um pouco, descansar, brincar, comer, tomar banho, sei lá, fazer qualquer coisa e depois retornar com o acerto na certa! Aprendi que isso serve não só para cópias perfeitas, mas para tudo nessa vida. Quando há sinal de esgotamento, é hora de parar. Parar porque senão corre-se o risco de rasurar e há coisas que se rasuram por dentro da gente e não há como arrancar fora...

Bem, a professora Vera arrancava, rasgava e jogava a folha no lixo. E aí já eram duas páginas para copiar tudo de novo por causa de uma única rasura. Injusto? Talvez pela nossa maturidade na época, sim. Mas pouco a pouco, a professora Vera foi arrancando menos páginas e os alunos ficando mais atentos, mais caprichosos e alguns já muito cobrados pelos pais por gastar caderno demais. Começamos a achar justo que fizéssemos direito uma só vez para não só não ter de fazer de novo, mas para poupar o bolso de nossos pais. A professora Vera ajudava a gente a pensar em economia sem que isso estivesse explícito na sua intenção.

Embora muito o respeitasse, confesso que não adotaria o método da professora Vera, mas ela certamente atingiu um de seus objetivos: ensinou-nos a copiar a escrita dos outros que tanto esforçaram-se para escrever direito e publicar para que o conhecimento não se perdesse e para que outros aprendessem a ler certo. Comecei a achar que a professora Vera fazia valer o respeito ao autor pelo leitor-copista que um dia poderia ser também leitor-escritor. E ensinou-nos português a cada aula, a cada situação, com um sorriso que não lhe saía do rosto a não ser quando o sorriso diminuía de tamanho quando a mão tocava uma rasura.

Hoje não faço como a professora Vera, mas fiz uma certa adaptação ao método de copiar modelos. Diga-se de passagem, não criamos sem modelos, sem referências. Precisamos imitar para transformar, transcender, transgredir. Adoto caderno de caligrafia obrigatório no curso de Pedagogia e, em alguns

casos, obrigatório, para alunos de outros cursos quando a caligrafia dificulta demais a leitura, o que compromete a comunicação da ideia escrita.

Proponho o uso deste caderno para que aprendam a copiar certo, ou seja, para aprender a fazer uma transcrição literal, indicar a referência bibliográfica ou de site, e aprender letra cursiva. Já vi barbaridades nas combinações manuscritas de “br”, “vr”, “bb”...isto sem falar de trabalhos de conclusão de curso em cursos de graduação e pós-graduação com citações diretas incompletas porque mal copiadas e ainda com aluno insistindo que copiou igual ao que estava no livro. Nestes casos, peço o livro e que o aluno compare o que escreveu e a referência na minha frente. Quando o aluno percebe que disse bobagem, olha meio sem graça, às vezes com um sorriso amarelo e uma expressão do tipo: “Ai, não tinha visto esta palavra...” Acho um absurdo, confesso!

Outra coisa: na era da informática, os alunos tendem a deixar por conta das fontes do computador e os manuscritos bem feitos ficaram como algo do passado. Misturam letra de forma com letra de mão, maiúscula com minúscula no caderno, fica até esteticamente ruim. Nem sei o que a professora Vera faria numa situação dessas. Mas sei o que faço, porque Vera deixou boas marcas em mim. Usamos caderno de caligrafia para colecionar citações oriundas de textos científicos ou literários que possam gerar uma reflexão, um impacto emocional, uma “citação de presença” na formação de todos nós!

Também tenho o meu caderno de caligrafia, dou exemplo, faço lousa de caligrafia em algumas aulas. E quando os alunos pedem para que eu corrija a caligrafia propriamente dita ou que aprecie com mais rigor a sua coleção de citações, eu levo o seu caderno para casa, leio-o com cuidado e deixo um bilhete ao aluno no próprio caderno de caligrafia com meu parecer. Esteticamente coerente.

Observo que meus alunos melhoram a caligrafia e escrevem melhor, com maior fidelidade ao que copiam e com mais facilidade para expressar seus próprios pensamentos comunicáveis. Estão mais cuidadosos tanto em copiar

como em “transgredir”. Engajam-se num processo alquímico de letras e ideias, mobilizam-se através dos outros autores. Em parte, graças à professora Vera, saiba ela disso ou não algum dia. Vera, a Você, minha gratidão e meu amor fraterno, sem o menor sinal de rasura.

Da Professora Doutora apreciadora de cartas e compassiva dos desassossegados

São Paulo, setembro de 2004.

Quero falar-lhes de algumas aprendizagens presentes numa certa correspondência – minha tese de Doutorado. Sim, porque uma tese feita de correspondências, corresponde ela mesma a sua essência. Sem falar que a produção científica me parece ter sempre um certo ar de correspondência pelos diálogos estabelecidos com os participantes e com as referências teóricas. Mesmos autores podem participar de maneira peculiar de diferentes trabalhos, pois a maneira de combiná-los é própria da consciência de cada um. Na realidade, para cada consciência, os encontros se dão *à moda* daquele que escreve.

Eu sentia um desconforto no começo desse trabalho, *apesar de* meu interesse profundo em realizá-lo. No entanto, aprendi com Clarice Lispector que é o próprio *apesar de* que nos empurra para a frente, que nos possibilita viver, amar, criar e, enfim, registrar significativamente. Continuei sentindo seu apoio quando soprava-me ao coração, quase sussurrando, de uma das ²correspondências: “*Você precisa saber que já é uma escritora. Mas nem ligue, faça de conta que nem é...Cerque-se da proteção divina e humana...escreva o que quiser sem ligar pra ninguém.*”

Esse desassossego permanente, contraditoriamente gerador das aprendizagens serenas que pouco a pouco iam se constituindo, me fez encontrar outras gentes desassossegadas: Van Gogh, Dostoiévski, Rilke, Fernando Pessoa...entre tantos outros que podem não ter sido citados, mas que certamente encontravam-se com os demais em arranjos da minha consciência. Gente- artista cuja inquietação nutria seus espíritos sensíveis à percepção dessa realidade humana, desse mundo que cresce pra dentro de cada um de nós.

² LISPECTOR, Clarice (org. Teresa Montero). *Correspondências*. RJ: Rocco, 2002.

Falo do desassossego dessa gente-artista porque a literatura tem uma transparência ousada por natureza – o “dado” já é expressão do artista. Mas com a coragem do artista, ousou em falar do desassossego também de gente-cientista que precisa de outros dados para também dizer dos seus. Aliás, não importa se artista, se cientista, se tiver outra profissão, o desassossego é o mesmo – desassossego de toda gente, de ser humano que vive em busca de algo que explique, que lhe satisfaça, que faça parte desse seu mundão de dentro. Desassossego que impulsiona, desassossego criador...desassossego que também faz a gente errar, falhar e descobrir, enfim, a nossa não-onipotência, graças a Deus. Percebemos então que o melhor que produzimos contém também as falhas nossas – e o que pode ser isso, a não ser a complexidade que nos caracteriza como humano. Como escreveu ³ Pessoa:

“Adoramos a perfeição, porque a não podemos ter; repugna-la-íamos, se a tivéssemos. O perfeito é o desumano, porque o humano é imperfeito...Pasmamos, adorando, da tensão para o perfeito dos grandes artistas. Amamos a sua aproximação do perfeito, porém a amamos porque é só aproximação.”

Produzimos, apreciamos, criticamos, portanto, imperfeitamente, porém integralmente naquilo que no momento podemos...todos nós, indistintamente.

Tudo isso sinaliza os tormentos e alentos do viver nosso de cada dia! Foi no desenvolvimento desta tese que cheguei a esta compreensão num nível mais profundo, e isto ajuda-me a viver melhor. Pelos outros, com os outros, os compreendi e compreendi-me. Meu caminho – de “si para si-mesmo”- era os outros, indiscutivelmente. Clarice tinha razão. Ao mergulhar na intimidade de mundos alheios, passei a entender melhor o meu. E felizmente pude entender o desassossego da escritora ⁴Florbela, a qual tive o prazer de conhecer por ocasião da tese. Escreveu numa das páginas de seu diário, datada de 11/01/1930:

³ PESSOA, Fernando (organização Richard Zenith). *Livro do desassossego*. SP: Companhia das Letras, 1999, p.276.

⁴ ESPANCA, Florbela (org. de Maria Lúcia Dal Farra). *Afinado Desconcerto* (contos, cartas, diário). SP: Iluminuras, 2002.

*“Compreendi por fim que nada poderia ter compreendido de mim. Restam-me os outros...talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto...Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: **conhecer-me**”.*

Pelos outros, um pouco de mim; por mim, um pouco de Florbela, de Clarice, de Fernando Pessoa, de Dostoievski, dos participantes da pesquisa Rae e Edu, de Vygotsky. Ah, Vygotsky! Talvez Florbela não soubesse quando registrou tal tormento no diário, mas ⁵Vygotsky já havia pensado sensivelmente nisso. Numa das cartas dirigida a seus alunos, datada de 15/04/1929, registrou:

“...temos que nos colocar em teste, avaliar[-nos], enfrentar a prova antes de nos decidirmos, pois esta é uma estrada muito difícil que exige a pessoa inteira.”

E foi com essa inteireza que me dediquei neste trabalho, tenho consciência disto. Conhecer o outro exige engajarmo-nos com igual dedicação ao autoconhecimento, o que não me parece fácil. Afinal, tão prazeroso quanto doloroso é para cada pessoa descobrir “a dor e a delícia de ser o que é”. Então tomo consciência das raízes desse desassossego meu e dos outros. Como escreveu Vygotsky, em carta ao aluno Levina, datada de julho/1931:

“...Sobre desarmonias interiores, a dificuldade de viver...isso é a Vida. Ela é mais profunda, mais ampla que sua expressão exterior. Tudo nela muda...Quanta luz interior, calor e apoio existe na busca em si! E, então, há o mais importante – a própria vida – o céu, o sol, amor, pessoas, sofrimento. Isto não são simplesmente palavras, isto existe. É real. Está entrelaçado na vida. As crises não são fenômenos temporários, mas a estrada da vida interior...”

⁵ VAN DER VEER, R. e VALSINER, J. *Vygotsky*: uma síntese. SP: Loyola, 1996, p.26; p.29)

As crises retratam esse desassossego, esse *apesar de* que nos empurra para a frente. Nesse caminhar, aquilo que emocionalmente nos marca é aquilo que nos faz escrever significativamente. São registros da consciência e da memória que interpretam o que o corpo sente (e ⁶Damásio também ajudou-me a refinar essa compreensão). Registros que se assemelham a fotografias escritas de um movimento interior constante da vida que pulsa em nós, bem *mais profunda do que sua expressão exterior*, nas palavras de Vygotsky.

Registros de cenas que a Vida *inscreve* na consciência, selados de emoções, decodificadas em sentimentos pelo processador de cultura que incorporamos ao longo de nossas existências. Registros que testemunham uma grandeza interior que pode ser acessada em partes combinadas, porque partes vivas que interagem num “tempo consciencial” que nossas mãos não acompanham, para as quais não haveria materialidade suficiente de suporte, incluindo o tempo para a elaboração e leitura desta carta – registraríamos sempre e sem fim conexões infinitas de nosso mundo interior em expansão.

O registro, na grandeza e na inteireza que lhe é própria, nos garante tomar consciência desse mundo, nos possibilitando identificar dificuldades e conquistas, nos envolvendo no movimento de mudança permanente porque o mundo que internalizamos não é bem o mundo que nos é apresentado, mas uma combinação desse com aquele que já configuramos em nós, historicamente. As coisas cabem em nós porque existe uma reconfiguração desses conteúdos, uma arrumação, arranjo ou qualquer palavra que valha a metáfora para esse *entrelaçamento da vida* dentro da gente que nos torna mundos, fontes singulares de registros escritos significativos.

Registros que nos permitem alcançar níveis mais profundos de nós mesmos, nutridos da esperança lúcida de um dia poder tocarmos esse infinito que somos. Registros do melhor nosso de cada dia nessa busca sem medida de nosso motivo de existir – para nós e para os outros. São tantas as reflexões que esse tipo de registro me permite que esta seria mais uma correspondência

⁶ DAMÁSIO, Antonio R. *Em busca de Espinosa*: prazer e dor na ciência dos sentimentos. SP: Companhia das Letras, 2004.

das muitas que faria para contactar e agradecer aos meus interlocutores a sua eterna presença em meu mundo. Mundo que minha tese “fotografa”. Mais do que citar seus nomes, todos já sabem (porque sentem) o sentido que têm para mim, por isso vou concluir temporariamente essa correspondência sem me despedir, apenas registrando e dedicando-lhes de modo grato um simples verso meu:

registro escrito significativo, fotografia da alma cheia, inquieta e lúcida...

Saudações fraternas da

Professora Doutora apreciadora de cartas e de escritos tantos.

A professora que corresponde-se com Paulo Freire (*in memoriam*)

Caro Amigo, permita-me assim chamá-lo, por tudo aquilo que escreveu e possibilitou-me conhecer de “ti”. Você escreveu tantas cartas e eu também as aprecio muito: as cartas me ajudam a organizar o que vai no meu mundo interior, estimulada pelo forte desejo de compartilhá-lo.

Bem, desde a década de 80 comecei minha identificação com Você, através de nossos primeiros contatos mediados pelos livros e outros educadores que tive. Nesse processo de identificação, fui crescendo como Gente, educadora, filha, irmã, amiga, colaboradora das suas ideias. Nesse percurso de aproximadamente 30 anos fui amadurecendo essa predisposição ao diálogo, lembrando fortemente da sua referência à **dialogicidade** como capacidade constitutiva do processo de Ser Humano.

Procurei praticar, ou melhor dizer, aprofundar “contigo” aquilo que de meus pais já havia aprendido: dispor-me a escutar outra pessoa e colocar-me no lugar dela para que pudesse compreendê-la e efetivamente falar com ela. Assim, fui me tornando consciente de que insucessos e sucessos comigo compartilhados, eu também os testemunhava em minha Vida, de modo semelhante.

Fui entendendo que somos uns-com-os-outros na complexa tarefa de con-vivermos e que, muitas vezes na realização desta inevitável tarefa, as palavras se distanciam dos atos e nos tornamos vítimas de nossa própria incoerência. E não foram poucas as vezes que Você nos orientou sobre o compromisso de todo educador progressista em fazer caminhar juntas *palavra e ação*. Somente esta coerência pode indicar nosso desenvolvimento como Pessoa no estágio de consciência em que verdadeiramente estamos.

Reflico “contigo”: sem manifestar essa coerência, como posso me dispor verdadeiramente ao diálogo com o outro, como poderei compreendê-lo se eu mesma não me compreender na inteireza de meus acertos e desacertos?

Como poderei querer a honestidade do outro se eu mesma não dialogar comigo de modo honesto, admitindo de fato o que vai em mim? Como passarei a aceitar o outro no saber que me revela se nem eu mesma sei a integridade do saber que eu revelo, pois que se não reflito o modo como ajo, se não faço da minha vida uma práxis, corro o perigo de falar vazio, falar daquilo que passa longe do meu coração, falar só porque está na moda, falar restrita à sonoridade das palavras...

...Ah, Paulo, estou aqui e repenso tantas coisas...dentre elas, repenso Gestão Democrática. E que Gestão é esta senão Gestão com Pessoas. Repenso-me, repenso meus parceiros, repenso o mundo e o momento histórico em que vivo...vejo gente falando em Democracia, propagando-se dialógico, sem deixar, contudo, que o outro assim Seja; gente que discursa a repugnância a formas autoritárias, mas que ainda age assim nas situações cotidianas, na intimidade de seus relacionamentos. Gente assim tem dificuldade em respeitar o outro porque provavelmente não saiba, porque de fato ainda não sente o próprio melhor que possa vir dela mesma que é a sua capacidade de encorajar as pessoas a assumirem responsabilidades, a escolherem por si mesmas, a fazerem opções e a responderem por elas, a desenvolverem, enfim, o que Você chamou de **consciência crítica**. Gente assim pode ter até diploma, mas enquanto subordina a consciência do outro à sua vontade, ingenuamente escraviza a própria consciência em tão múltiplas rédeas, o que me parece tão triste...

Uma gestão democrática começa no interior de cada um de nós. Se não sentir democracia do meu coração pulsando a tal ponto de direcionar minha ação à escuta do outro, a percebê-lo sensivelmente como companheiro de jornada no papel de familiares que compõem meu lar, no papel do vizinho que cumprimentando-me ou não participa do cotidiano comigo, no papel daqueles que se afinam com minhas ideias e daqueles que ironizam meu jeito de ser, não posso falar de Gestão Democrática circunscrita a um ambiente ou a algumas situações. Isso não seria fazer Democracia porque me faltaria atributo essencial: a integridade de vivê-la irrestritamente, em todos os

relacionamentos, em todos os campos da minha vida, na generalização do compromisso com a Inclusão que Democracia implica.

Construir Democracia leva tempo, porque mudar leva tempo, principalmente quando se trata de realizar mudanças internas, mudanças que nos levarão a manifestar o melhor de cada um de nós, para que o mundo todo se transforme. Exige disciplina, planejamento, vontade e muita, mas muita esperança em nós mesmos e nos outros. A tal da *esperança ontológica* a que tanto reportou-se. Compreendo-o.

Peço a Deus para não esquecer de tudo isso. Assim, pretendo continuar dialogando com meus companheiros de jornada, estes que vivem o momento histórico comigo, esses que como Você, Paulo, marcaram nossa história e semearam para o futuro que hoje vivemos, num mundo que permanentemente **“está sendo”**, como Você mesmo disse.

Que às minhas palavras se juntem meus atos e, na possibilidade de eu falhar (pois a condição humana nos põe à prova) e sofrer temporariamente a Síndrome do Discurso-alheio-à-prática, possa eu ter a humildade em aceitar, na escuta de meus semelhantes, o reconhecimento de meus equívocos e rever-me novamente a fim de alcançar essa integridade que, democraticamente, espero viver “no” e “com” o mundo.

Obrigada, querido Paulo Freire, por ser um de meus interlocutores presentes em meu mundo interior, com quem permanentemente dialogo e motivo da minha inspiração didática.

Professores entusiasmados, professores românticos

As palavras sempre foram meu alimento. Aprender a combinar as letras para representar uma infinidade de ideias foi talvez a minha maior conquista. Ganhei o mundo e, pouco a pouco, o mundo foi também ganhando-me. Sempre gostei de saber a origem etimológica das palavras e tive bons professores de Língua Portuguesa. Alguns, excelentes! No entanto, achava estranho aceitar línguas mortas como o latim e o sânscrito, que originariamente povoaram de beleza um grande universo de significados.

Mas hoje entendo que se tudo é passível de renovação, a partir do corpo humano, qualquer uma de suas produções culturais também o são e disto não escaparia a linguagem. Mas acredito também que o que se morre, transforma-se e pode conservar-se em alguma dimensão. Assim, sempre desejei conhecer mais latim, pelas aulas do professor Jean, com seu jeito entusiasmado de lecionar a História da Idade Média, o surgimento das Universidades, o ensino elitizado e de propriedade do clero, o latim ressuscitado nas suas aulas. Parecíamos voltar no tempo, viajávamos com ele pelos textos de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino. Era latim vivo, meus ouvidos recebiam-no como canto.

Amei essas aulas, amei o Professor Jean com o amor dos discípulos e com a fé dos apóstolos. Ele inspirou-me a escrever os mais belos textos dissertativos nas ocasiões de prova e sinalizava em cada texto meu uma nota não convencional: 11, 12, 13...dizia 10 ser pouco e chamava-me de “Sandríssima”.

Já não tenho mais essas provas, mas lembranças como esta regozijam-me a esperança na Educação. Jean, professor de Filosofia e de História da Educação na Pedagogia e a professora Maria Dória, de Português, Literatura e Técnicas de Redação no curso de Magistério, foram talvez os únicos professores que enxergaram nas minhas palavras a minha sensibilidade poética, o meu raciocínio argumentativo, a minha paixão por escrever. Encantaram-me apresentando o latim e hoje tenho a sorte de poucos mortais em fazer parceria com uma professora, Doutora em Línguas Clássicas, com o

latim na ponta da língua e do teclado do computador. De *toto corde*, ela me ensina que é possível na morte, o nascimento, na dificuldade, o passo para a superação, no estudo da ópera, o resgate da mais delicada raiz da sensibilidade humana. Seu nome, Patrizia.

Quis ter aulas com Patrizia e ela convida-me a escrever! Ensinamos e aprendemos juntas, então. Vejo na Patrizia uma alma lírica e sua presença trazem-me à consciência a memória de Jean e Maria Dória. Três professores que encantam a Vida, que harmonizam a Educação, que aquecem outras almas. Professores entusiasmados como todo bom romântico que se preza: que ama infinitamente, que sonha ilimitadamente, que vive intensamente, que ensina só pelo fato de Ser.

Professores que não deixam para amanhã o que se pode fazer hoje; professores que sabiamente sabem dosar o desejo e a vontade de aprender; professores capazes de ressuscitar qualquer língua em toda época. Algo os aproxima para isso: a paixão por ensinar, o respeito às pessoas e às formas de conhecimento existentes. Professores assim são e serão sempre amados, de perto ou distantes, em sânscrito, latim, português, francês e em qualquer outra língua, pois o conteúdo da sua comunicação é transcendente e a sua energia é jovial, colorida, positivamente contagiante e, por tudo isso, universal. Professores amados assim abraçam o planeta e semeiam novos e melhores tempos para a vida humana nesta Terra.

Um encanto chamado “Maria Dória”

Magistério. Sempre quis ser professora. De natureza introvertida, aderi ao “Mal do Século” aos meus 15 anos. “Foi poeta, sonhou e amou na vida” servia para Álvares de Azevedo, mas emprestei-a para mim. Talvez não me destacasse na poesia, mas sempre sonhei, amei, vivi intensamente. Ultrarromântica, sonhava nas aulas de Literatura da Professora Maria Dória. Sua didática convidava a viagens literárias e, eu, viajava sem convite mesmo, com este meu estilo de viver meio cá, meio em qualquer outro lugar, planeta, dimensão ou estrela.

Maria Dória era uma senhora loura, de pele claríssima e aveludada, de cabelos curtos aparentemente sempre saídos do salão de cabeleireiro, de lábios finos e apresentava-se com uma maquiagem natural que só realçava sua beleza natural. Seus olhos brilhavam, sua voz cintilava, seu português era impecável até para falar, seus gestos gentis. Lecionava para nós Gramática, Literatura e Técnicas de Redação.

Depois de alguns anos de “C+” que já não me impactavam mais, devolveu minha primeira redação com um bilhete singelo, onde elogiava a qualidade da minha escrita, a sutileza das minhas percepções sensíveis inerente aos escritores de Literatura. Pela primeira vez na Vida, uma Professora desse porte belo e sábio, cuidou de escutar-me através das linhas. E mais: se propôs a ler tudo o que eu escrevesse, mesmo as escritas espontâneas. Ofereceu-se como minha interlocutora.

Foi aí que libertei-me de vez e aventurei-me ao infinito externo e interno! Desbravei o que meus sentidos captavam da vida de relações e comecei a desbravar meu universo interior, tão pleno de vida, com emoções borbulhantes à espera de palavras para lançarem-se ao mundo. Escrevia em guardanapo, papel de embrulhar pão, onde houvesse chance, lá estava eu criando, tecendo a Vida em verso e prosa.

O sorriso de satisfação crescente da Professora Maria Dória ao receber meus textos servia-me como nutriente para minha imaginação em permanente processo de frutificação. A cada texto que eu lhe entregava, crescia também minha expectativa em vê-lo devolvido com um bilhete, sinal de respeito aos meus escritos.

Certa vez, desculpou-se comigo, por chegar a pensar que eu “copiava” certas coisas de Fagundes Varela tamanha a semelhança de estilo. Chegou a procurar por um de seus professores para certificar-se ou não da hipótese de plágio. Pediu-me mil desculpas e disse que não parasse nunca de escrever. Mal sabia ela que nem precisaria ter se desculpado, pois aquilo era uma honra para mim. Minhas raízes eram do Mal do Século mesmo. Além disso, era extremamente grata por ser minha interlocutora e colaborar com o refinamento da minha escrita. Guardaria para sempre a memória da Maria Dória e todo o respeito que dedicou à minha sensibilidade artística pelas vias da literatura.

Passaram-se mais de 15 anos. Um dia, eu passava por uma calçada, a caminho do metrô, em frente a uma clínica médica. Um carro que ajustava-se para estacionar nas vagas delimitadas no espaço que dava para a calçada, parou, para que eu passasse e, depois, continuaria as manobras para adequar-se à vaga estreita.

O vidro do carro estava fechado e era escuro, mas vi um aceno de mão indicando-me “passe primeiro”, mas fiquei parada e devolvi o gesto gentil. Estacionado o carro, abre a porta uma senhora distinta, sorrindo para mim como se tivesse me visto ontem. Disse: “Você...” Eu lancei-me a ela, num abraço que sinto agora ao escrever e com a voz embargada ainda perguntei-lhe, emocionada: “Lembra-se de mim?” E, ela, respondeu: “Como eu poderia esquecer de Você, Sandra, autora de tão belos textos. Nunca, jamais!” Nos abraçamos longamente sentindo nossos corações mais acelerados por emoção boa.

Dialogamos um pouco. Já estava aposentada há alguns anos e ficou com aqueles olhos ainda mais brilhantes ao saber que havia me doutorado em

Educação. Expressou um ar pleno de satisfação naquele corpinho franzino e no rosto maquiado suave como sempre.

Percebi, intuitivamente, que sua saúde estava mais frágil e que talvez não a visse mais por um longo tempo. Abracei-a com muita energia amorosa e para mim esse reencontro acontece a cada vez que me lembro disso, como agora.

Onde quer que esteja, Professora Maria Dória, gostaria que soubesse que suas devolutivas nutriram-me espiritualmente e fortaleceram meu comportamento leitor e escritor. O entusiasmo com que lecionava animou-me a tornar quem sou, como professora e escritora.

Maria Dória foi uma das mais belas e perfumadas flores que conheci no meu caminho. Concedeu-me parte de seu colorido gentil e de seu aroma doce e delicado. Você, Maria Dória, continua me encantando e dialogando psiquicamente comigo. Seu sorriso franco e seu jeito terno de corrigir-me tornam-se presentes nos meus textos de hoje, literários ou não, e no meu modo de exercitar a docência. Espelho-me nas suas devolutivas quando as faço aos meus alunos. E quando alguém refere-se ao meu perfume doce e delicado, lembro-me com saudade do seu perfume a encantar o corredor da escola.

Abraço mentalmente sua Alma Perfumada e ouço seu refinado português nas mais belas saudações, bendizendo a Literatura, a Língua Portuguesa e as redações de seus alunos. Com a licença de Álvares de Azevedo, vale também para Você, minha Professora tão Querida, a célebre frase “Foi poeta, sonhou e amou na Vida”.

Observo Professores e observo-me

Sou uma pessoa observadora. Não tanto de coisas e de lugares, mas de pessoas. Observo gente. E tenho observado o comportamento de vários professores ao longo de minha Vida.

Lembro-me de uma expressão melancólica, ar sereno, um misto de sentimentos variados guardados num corpo franzino e de olhar bastante expressivo. Um olhar que parece enxergar a essência das coisas. Um olhar além do que a acuidade visual permite. Um olhar ao longe sem que se distanciasse um minuto sequer do aqui e agora.

Andar firme, apressado para alguns, longo para outros, compassado para outras pessoas. É como se no seu andar coubesse uma porção de adjetivações. Era uma pessoa de muitas interpretações para quem a visse entrando numa sala ou outra.

Lembro-me de seu sorriso frequente, embora às vezes triste e sombrio, assim como já a vi chorando alegre. Uma pessoa difícil de enquadrar em determinado parâmetro de comportamento porque era uma pessoa autêntica. Era o que era, era o que sentia, era o que pensava, apreciassem os outros ou não. Nem se preocupava com isso. Preocupava-se em ensinar bem, em ensinar com a Alma.

São poucos os professores que ensinaram (e ensinam) com a alma. Isso exige uma exposição das suas próprias fragilidades e das suas fortalezas, mas parece que a falta de vontade de pôr alma na docência tem-na levado a uma superficialidade tal que historicamente deteriorou muitos de seus seguidores, embora ainda se digam professores e optam pela avaliação como instrumento de poder. São professores que provavelmente adoecem porque deixaram de observar-se a si mesmos e projetam seus insucessos e ausência de ânimo nos alunos, nos colegas de profissão dos outros níveis de ensino, no tal do “sistema” e despessoalizam-se.

Observo muitos professores doentes da alma e tornam o ensinar uma sacrifício, um martírio, apostando na própria descrença de como poderia fazer a diferença na profissão.

Essa pessoa que me vem à lembrança, de corpo e alma presentes no exercício cotidiano da docência, parece-me um professor do passado ou do futuro. Um professor capaz de resgatar a alma da docência, que faz valer seus princípios, sua coragem, sua humildade, sua profundidade humana de onde sai uma riqueza interior intensa que compartilha com todos a sua volta.

E por que esse ar melancólico, aparentemente desconectado do mundo? Uma tentativa de sobrevivência a tantos outros aparentemente sorridentes com um mundo de frivolidades. Observo essa pessoa no meio das reuniões institucionais, alheia às superficialidades das falas esvaziadas de compromisso ou com estabelecimento de prazos ou atitudes que não serão cumpridos. Isso a leva à introspecção, ao seu mundo interior para resguardar sua energia com aquilo que realmente valerá a tarefa cumprida.

Sente-se só no seu meio, embora muito cogitada por colegas e alunos. Sente a solidão dos que sobrepõem os atributos do espírito às coisas passageiras da vida material. Está preocupada mais com os valores humanitários do que com os conteúdos tradicionais de ensino. Lembra aos colegas que hoje é necessário ensinar atitudes, fazeres, conceitos; fórmulas e memorização mecânica já não compõem o acervo do ser humano que pretendemos quando a urgência globalizada valoriza a formação de comunidades sustentáveis.

Corremos contra o tempo. Temos que reaprender se considerarmos o modo como formados fomos e trabalhar para uma nova proposta educacional que humanize, que vislumbre a alma inteira e não só a parte que corresponde à cognição.

Observo esse ser que salta à minha lembrança, que vem tentando, entre sorrisos e lágrimas, exercer uma docência que colabore com a formação de

almas melhores e por isto trabalha com afinco para sua própria reforma moral. Uma pessoa com ar melancólico, que vê ao longe, que se revela a cada ato, que se percebe no sistema, mas domina a função de como pode alterá-lo humilde, mas de modo efetivo, ou melhor, de modo afetivo. Sabe que pode impactar, sabe que a alma tem a força que deseja e que pode realizar mudanças singelas, mas mudanças. Não se preocupa com o que pensam os outros, pois sabe que seus interlocutores mais fiéis são seus alunos com os quais compartilha segredos de alma.

Essa pessoa é um(a) professor(a) que merece um amor que somente o Universo pode dar. É amor grande, é amor intenso, é amor simples, é só amor. Faz tarefa de casa consigo todos os dias por amor a si e à humanidade. Por isso, já é amada essa pessoa, apesar de entristecer-se na sua solidão, no seu movimento de introspecção, na sua coragem de ser livre. Em meio a tudo isso, observe-me, pois também sou professora e quero ser deste tipo.

Boneca russa

Eu a via pelos corredores: andar apressado, aparentemente distraída, quando parava na porta da sala de aula, respirava fundo e entrava. A porta se fechava.

Não fui sua aluna, mas ela chamava-me à atenção. Talvez particularmente pela sua distração, como se só ela caminhasse por aquele corredor.

Uma professora distraída...pode? Se pode. Distração não significa falta de compromisso; distração pode ser uma forma de estar em algum lugar quando se é de outro. Aquela professora me parecia ser de outro mundo.

Já não sei se andava ou se levitava; sua inspiração profunda à porta da sala era como se fosse um chamado àquele lugar. Ela voltava-se à sua docência. Parecia-me feliz e discreta. Gente discreta é gente que aparece sem querer ser vista. Assim ela era.

Algumas vezes eu a surpreendi saindo da sala, após o sinal. Nesse momento, levitava lento, após guardar seu material e apagar a lousa. Sua caligrafia era um verdadeiro bordado na lousa. Poucas palavras, mas escritas com giz colorido, faziam da lousa uma tapeçaria.

Tinha a sensação de que era muito mais que professora: tinha um corpo esguio de bailarina; um cabelo louro fino e de pouco volume à altura dos ombros, olhos castanhos esverdeados; lábios com intenção de sorrir; usava vestidos longos; bolsas de cores vibrantes, como uma amarela com retalhos vermelho, verde e azul aplicados. Diziam que tinha um sotaque diferente. Mas eu nunca ouvira a sua voz.

Com aquele jeito todo, só poderia ser de algum lugar distante. E sua distração era a ponte por onde seus pensamentos iam e vinham de lá.

Observava seus alunos quando saiam da sala e, diga-se de passagem, diziam que ela só lecionava para esta turma, considerada a mais “complicada” da escola. Os alunos saiam feito ela, levitando, conversando baixo entre si, com a postura ereta, alguns à porta, acenavam-lhe um “tchau”. Certamente, ela nem sabia o que era “complicação”.

Ao vê-la certa vez saindo da sala com uma saia rodada e sapatilhas coloridas, a imaginei de vez bailarina. Ela tinha um ar melancólico de bailarina clássica, suas feições finas não negavam que fosse, ao menos para mim, uma bailarina. Imaginei ser sua aula um número de balé adaptado ao conteúdo de ensino e por isso a leveza e a postura de seus alunos ao terminar o número.

Imaginei-a no Teatro Municipal antes das aulas, treinando todos os dias o espetáculo de quinta a domingo. Uma música de Tchaikovski veio-me à lembrança e escolhi esta para ela dançar na minha imaginação. Ouvi sua voz de longe combinando passos com a colega de palco e presumi: ela era russa. Uma bailarina russa do Teatro Municipal que ensinava em português na escola pública de periferia para a turma mais “complicada”.

Agora entendia seu andar apressado: vinha direto dos ensaios, pés cansados e a levitação poupava-lhes um tanto. Certamente suas aulas tinham encanto, leveza, disciplina, e a música clássica ao seu ouvido transformava sua voz meiga e pouco a pouco contagiava a energia “fora de ordem” da turma. E todos entravam no clima. Essa professora transformava o espaço da sala num ambiente de musicalidade e beleza.

Para mim, ela assemelhava-se a uma boneca russa, essa que carrega uma bonequinha dentro da outra. Ora bailarina, ora professora, ora a moça que falava atrapalhado na cantina para pedir um café com bolo depois da aula, ora a moça que provavelmente carregada de sonhos e de história, despia-se de uma boneca para vestir outra conforme o contexto de atuação.

Sua distração devia-se ao som de Tchaikovski ainda vibrando em seu corpo, seu ar melancólico era o de quem vai e vem de todo e qualquer lugar e

vê distante. Melancólicos não vivem o tempo cronológico; vivem a dimensão do tempo na sua unidade – passado, presente e futuro – e a dança lhe permitia fluir nessa cobertura do tempo *kairós*, o tempo do espírito, o tempo da eternidade no agora. O modo como seus alunos saiam da sala demonstrava a certeza de terem aprendido algo além do conteúdo, aprendiam senso estético e apreciação pelo conhecimento como quem aprecia uma arte.

Essa bonequinha russa realmente era deslumbrante e por mais que passasse despercebida pelo amplo corredor da escola e que lecionasse para uma única turma, eu a notava sempre, como uma fã anônima, apreciadora da boneca russa. Suspeitei também que uma de suas bonequinhas interiores amasse Tolstoi e Dostoievski, feito eu. Ou nem os tivesse lido, mas que importa? Uma boneca russa por si só é repleta de singularidades e fosse as que eu conhecesse ou não, ela sempre surpreenderia-me com aquele toque distraído e ar melancólico que eu tão bem conheço.

BOOKESS ^{SBS} +EDUCAÇÃO

A campanha "Que Educação quero para o futuro"
é organizada pela Bookess Editora e SBS Livraria Internacional,
por meio de seu programa SBS +Educação.

www.sbs.com.br/sbsmaiseducacao

www.bookess.com/sbsmaiseducacao

SBS | livraria
internacional

www.sbs.com.br